

O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO SOBRE AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2018 NO *FACEBOOK*: A MÍDIA ALTERNATIVA ENQUANTO LUGAR DE RESISTÊNCIA¹

Diana Barbosa de Freitas²

Este trabalho visa investigar de que forma as mídias alternativas se manifestam sobre o discurso político referente às Eleições Presidenciais 2018, a partir das postagens publicadas pelas páginas *Brasil 247* e *The Intercept Brasil* no *Facebook*, compreendendo que a mídia alternativa se constitui como um espaço de produção e circulação de conteúdos informativos que se contrapõem aos enfoques dos veículos da “grande mídia”.

Tomamos como aporte teórico de base a Análise do discurso de vertente francesa, entendendo assim a prática de linguagem (o discurso) como uma articulação entre estrutura e acontecimento (PÊCHEUX, 2008, 2014) e o político como direção e divisão do sentido (ORLANDI, 1999, 2005). Também pautamo-nos nas reflexões teóricas sobre Internet e mídias alternativas advindas de Cardon (2012), Marques (2006), Downing (2002), Rosa e Santos (2013), Biroli e Miguel (2017) e Castells (2017).

O interesse por compreender o lugar da política na mídia alternativa exposta no *Facebook* advém do fato de enxergarmos o campo político como uma arena propícia para as regularidades e os deslocamentos de sentidos próprios da linguagem em sua incompletude. Miguel e Biroli (2017) afirmam que a relação entre mídia e política se estabelece na medida em que entendemos a esfera pública de forma não unificada, ou seja, quando compreendemos que a esfera pública é heterogênea, uma vez que as posições nela assumidas revelam valores diferentes e divergentes por parte dos sujeitos. Dado o caráter democrático da Internet, o *Facebook* se configura como um lugar que acolhe não apenas grupos hegemônicos da sociedade, mas, também, permite “que grupos marginalizados construam suas redes e disputem a interpretação do mundo social” (MIGUEL; BIROLI, 2017, p. 207).

Nesta perspectiva, Castells (2017), ao abordar a comunicação na era digital, declara que o ciberespaço se configura como uma autocomunicação de massa. Essa denominação é dada pelo autor porque ele concebe a internet como uma rede interativa, que tem a capacidade de atingir um público global. Desse modo, de acordo com o teórico,

A internet e as tecnologias digitais transformaram o processo de trabalho dos jornais e da mídia de massa como um todo. Os jornais se tornaram internamente organizados em rede, globalmente conectados às redes de informação na internet. Além disso, os componentes

¹ Este trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Washington Silva de Farias do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: washfarias@gmail.com

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: dianabarbosa146@gmail.com

on-line dos jornais estimularam a formação de redes e a sinergia com outras organizações de notícia e da mídia (CASTELLS, 2017, p. 112).

O papel da mídia, nesse sentido, se estabelece na medida em que ela influencia as formas do conflito político no Brasil contemporâneo. Para Miguel e Biroli (2017, p. 8), a partir dos suportes midiáticos é possível perceber “o impacto sobre o público, que vai se situar a partir das representações do mundo que recebe da mídia”. Assim, podemos inferir que os modos de funcionamento dos discursos midiáticos direcionam, por vezes, as preferências políticas dos sujeitos. Por esta razão, compreendemos que entender a produção de sentidos no ambiente virtual auxilia na apreensão dos discursos que são constituídos socialmente pelos sujeitos sobre os fatos políticos.

Nesse contexto, Downing (2002, p. 49), ao propor a denominação de “mídia radical alternativa”, explica que o papel dessa mídia é “o de tentar quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer a verdade”. Como vemos, de acordo com o autor, as mídias alternativas atuam na condição de contraponto à hegemonia da mídia dominante. Diferente das mídias tradicionais, que buscam causar um efeito de neutralidade, objetividade e única visão dos fatos, as mídias alternativas trabalham na perspectiva de questionamento do processo hegemônico, posicionando-se, explicitamente acerca de temáticas culturais, sociais e políticas.

A partir dessa assertiva, percebemos que é através do discurso que podemos compreender a relação entre pensamento, linguagem e mundo, pois o discurso funciona como uma das instâncias materiais concretas dessa relação. Cabe ressaltar que, em nossa perspectiva, o discurso é entendido como efeitos de sentido entre interlocutores, decorrentes da relação entre a língua/discurso, sujeito e ideologia, pela qual sentidos são representados como evidências e também se abrem ao equívoco. Neste segundo funcionamento, a língua/discurso é passível de equívoco porque existe a falha da ideologia. Logo, de acordo com Pêcheux (2014, p. 291), a Análise do Discurso não pretende instituir-se como especialista da interpretação, mas, sim, pretende construir procedimentos “expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito”.

De natureza documental, nosso material de análise foi recortado de publicações das páginas mencionadas no período de setembro a outubro de 2018, tendo em vista que nesse espaço temporal as postagens sobre as Eleições Presidenciais tiveram significativa presença em tais páginas, possibilitando compreender o funcionamento do discurso político abordado pelas mídias alternativas. Ao analisarmos as páginas, observamos que a partir da forma como elas se autodefinem na aba “Sobre”, bem como através das fotos de capa e de perfil, há a demarcação de um lugar discursivo caracterizado pela liberdade, independência e abertura de espaço para a representação de sentidos outros além daqueles tidos como hegemônicos na sociedade.

Na autodefinição da página Brasil 247, por exemplo, o sujeito enunciador alega que “norteados pela **defesa da democracia**, o portal se consolidou ao longo dos anos como uma das principais referências da **mídia independente e progressista**, respeitado dentro e fora do Brasil.” Já na The Intercept Brasil, se

ênfata ser esta “uma premiada agência de notícias dedicada à responsabilização dos poderosos por meio de um **jornalismo destemido e combativo**”. As materialidades significantes destacadas nos apontam que as páginas de mídias alternativas se inserem em uma formação discursiva progressista que visa apresentar uma visão contra-hegemônica do país e do mundo. Desse modo, percebemos, pois, a produção de um efeito de militância, sustentado através de particularizações de sentidos no interior dos veículos midiáticos. Tais particularizações referem-se ao modo como essas mídias intitulam-se e posicionam-se frente aos acontecimentos políticos da sociedade.

No recorte temporal pré-estabelecido, constatamos que foram divulgadas 51 postagens sobre as Eleições Presidenciais 2018 nas duas páginas analisadas. No espaço das postagens, foi possível verificar que os discursos sobre as candidaturas de Jair Bolsonaro, do PSL, e de Fernando Haddad, do PT, foram marcados por dizeres que confrontavam os sentidos de *democracia* e *ditadura*, sendo esta temática, portanto, recorrente nos conteúdos publicados.

Em função desse eixo temático, podemos dizer que as páginas de mídias alternativas abordam o discurso sobre as Eleições através da veiculação de informações que explicitam adesão ao ponto de vista das páginas, atribuindo, diante da diversidade de opiniões colocadas, uma direção de sentido particular. As postagens publicadas apontam para a inscrição em uma formação discursiva progressista, uma vez que o discurso revelado através das materialidades significantes consideradas sugere uma posição-sujeito que se identifica com a liberdade de expressão, com a necessidade de transformação social e com a resistência aos discursos hegemônicos cristalizados.

Para exemplificarmos o modo de veiculação das postagens, vejamos os enunciados a seguir presentes nas páginas: “**Bolsonaro** e seus partidários já **ensaiam uma nova ditadura**” (The Intercept Brasil); “Já está claro que **Bolsonaro agirá contra a imprensa**” (The Intercept Brasil); **Não ignore** as mudanças do **Brasil de Bolsonaro** (The Intercept Brasil). Como vemos, a partir das formulações dos títulos das postagens, é possível perceber a existência de um jornalismo de posição, isto é, de um fazer jornalístico que, para além de informar, busca politizar os leitores, interpelando politicamente a favor de certa direção de sentidos. Para tanto, o sujeito-enunciador da página recorre à memória da ditadura para, assumindo uma posição militante, diante da conjuntura das Eleições. Essa forma de dirigir politicamente os sentidos se apóia numa relação entre a memória e a atualidade. A materialidade significativa, assim, funciona como uma instância que revela o discurso sobre as Eleições. Esse discurso, diferentemente de certas práticas jornalísticas tradicionais, não é pautado na universalidade, na construção de um consenso, mas, sim, na heterogeneidade, que produz, muitas vezes, o conflito e, conseqüentemente, o dissenso.

Na página Brasil 247, também observamos a posição-sujeito militante. Vejamos os títulos de algumas postagens: “Para ganhador de Prêmio Nobel, **Bolsonaro** é um **risco à democracia**” (Brasil 247); “PSOL dá **exemplo democrático** e declara **apoio a Haddad**” (Brasil 247); “Boulos na Globo: nunca estivemos tão perto de **voltar à época ditadura**” (Brasil 247). A partir da formulação e circulação de postagens como essas, vemos que o funcionamento do discurso sobre as Eleições Presidenciais ocorre a partir da problematização em torno da relação entre democracia e ditadura.

No jogo discursivo entre o lembrar e o esquecer, percebemos que, tomando o eixo temático que relaciona os embates de sentido entre democracia e ditadura, há a produção de dizeres que põem em conflito o discurso sobre as Eleições Presidenciais 2018. Assim, em nossa análise, vimos que os enunciados das postagens, em sua maioria, remetem à memória discursiva da época em que houve o regime ditatorial no Brasil, numa tentativa de trazer à tona os riscos da ditadura para a sociedade. Dessa forma, a manifestação sobre o político ocorre a partir da produção do efeito de denúncia/combate desenvolvida pelas mídias alternativas. O discurso, desse modo, se produz através de uma posição militante diante da conjuntura das Eleições 2018.

As páginas de mídia alternativa, portanto, por meio de suas postagens, demarcam um lugar de resistência à possibilidade de rompimento com o regime democrático. Além disso, também percebemos marcas de rejeição ao candidato do PSL e adesão ao candidato do PT. Para isso, as páginas dirigem suas postagens buscando evidenciar os males que o regime ditatorial representou para o país, bem como o risco de seu retorno, associando-as tais sentidos ao candidato do PSL.

Há, assim, um trabalho em torno da memória discursiva, entendida “como a existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos” (CORTES, 2019, p. 137). Portanto, ao retomar os dizeres sobre a ditadura, instaura-se, na relação entre interdiscurso e intradiscurso (textualização), a atualidade do discurso, produzindo, desse modo, o efeito de memória (COURTINE, 2009 *apud* CORTES, 2019).

Nessa perspectiva, as mídias alternativas se constituem como práticas “entendidas como ações que visam pluralizar as vozes do debate público, ao oferecer temas, ângulos e até mesmo fatos que são obscurecidos, silenciados quando não distorcidos pelos veículos de comunicação hegemônicos” (MAZETTI, 2009, p. 287). Assim, pensando nas condições de produção das materialidades por nós analisadas, isto é, no contexto das eleições, é possível dizer que os sentidos mobilizados pelas mídias alternativas nos possibilitam entender que o dizer sobre as eleições nas páginas de mídia alternativa é historicizado tendo em vista a relação tensa, polêmica e vulnerável entre democracia e ditadura. Dessa forma, produz-se não o consenso em torno do processo democrático, entendido como estável, mas sim o dissenso em torno da textualização do político.

Também constatamos, nos resquícios linguísticos que materializam o discurso da mídia alternativa, uma adesão a determinada candidatura, quando se diz, por exemplo, que “PSOL dá **exemplo democrático** e declara **apoio a Haddad**”. Ao fazer circular esse enunciado, observamos a produção de um efeito de aderência ao candidato do PT, bem como um sentido que associa a democracia a tal candidato. Com isso, cabe-nos um espaço de interpretação de que, nessa mesma condição de produção, há outro sujeito que seria antidemocrático, indo contra as premissas do bom funcionamento da democracia. Assim, vemos, pois, que a mídia alternativa não dissimula suas posições políticas.

Observamos, pois, a demarcação do efeito de democracia instável, ao trazer à tona os embates de dizeres referentes tanto à democracia quanto à ditadura. A partir dos recortes expostos, vemos que os

sujeitos-enunciadores das páginas de mídias alternativas partem, no dizer, da memória discursiva, para textualizar o político. Nessa direção, Orlandi (2017, p. 309) nos apresenta o conceito de narratividade, declarando que “o funcionamento da memória no sujeito se faz pela narratividade”. Isso implica dizer que a narratividade consiste no modo como a memória se diz, “se reporta, vinculando o sujeito individuado a espaços de interpretação, em práticas discursivas determinadas” (ORLANDI, 2017, p. 313).

Em suma, vemos que os gestos de interpretação produzidos pelas páginas relacionam a atualidade e a memória (o interdiscurso) com a finalidade de demarcar a função social das mídias alternativas, considerando as condições de produção do discurso sobre as Eleições Presidenciais. Assim, ocupando um lugar no espaço digital, as mídias alternativas produzem discursos que revelam a heterogeneidade de sentidos sobre a significação do político, resistindo à ideia de transparência e neutralidade na disseminação de informações sobre os acontecimentos que permeiam a sociedade.

REFERÊNCIAS

- BIROLI, F.; MIGUEL, L.F. *Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.
- CASTELLS, M. *O poder da comunicação*. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- CARDON, D. *A democracia na Internet: promessas e limites*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- CORTES, G. R. O. O gigante das diretas está na direção certa? Memória e metáfora no discurso virtual sobre o Brasil. In: GRIGOLETTO, E.; STOCKMANS, F.; SILVA, H. F. (Orgs). *Silêncio, memória, resistência: a política e o político no discurso*. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 135-150.
- COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, 2009.
- DOWNING, J. D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- MARQUES, F. C. Uma reflexão sobre a espetacularização da imprensa. In: COELHO, C. N. P.; CASTRO, V. J. (Orgs.). *Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 33-60.
- MAZETTI, H. M. Mídia alternativa para além da contra-informação. In: WOITOWICZ, K. J. *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009, p. 287-300.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- ORLANDI, E. P. Os efeitos de leitura na relação discurso/texto. In.: ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005, p. 59-71.
- ORLANDI, E. P. *Eu, tu, ele: discurso e real da história*. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5ª ed. São Paulo: Pontes Editores, 2008.
- PÊCHEUX, M. *Análise do discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes Editores, 2014.
- ROSA, G. A. M. ; SANTOS, B. R. *Facebook e nossas identidades virtuais*. Brasília : Thesaurus, 2013.